

Macroeconomia

Parada brusca

Rogério Mori*

CLARAMENTE, OS indicadores da atividade econômica brasileira começaram a mostrar que nossa economia apresenta uma parada súbita.

Assim, o indicador da produção industrial brasileira de novembro do ano passado mostrou uma acentuada retração da atividade no setor. A produção, em termos sazonalmente ajustados, caiu 5,2% em novembro em relação ao mês anterior. A queda relativamente ao mesmo período de 2007 também foi acentuada, apresentando um recuo de 6,2%. A queda na série dessazonalizada foi a maior na passagem de um mês para o outro desde maio de 1995, quando a produção recuou 11,2%.

A atual conjuntura da atividade econômica brasileira é reflexo do aperto do crédito ocorrido no País desde o agravamento da crise econômica e financeira no segundo semestre de 2008. Sob essa ótica, está cada vez mais claro que se iniciou uma espécie de segunda etapa da crise sobre as economias ao redor do globo. Dessa forma, pode-se dizer que a primeira etapa foi concentrada em torno dos problemas do sistema financeiro internacional, na qual os Bancos Centrais se esforçaram para evitar a quebra generalizada de instituições financeiras em vários países. Ao longo desse processo, registrou-se uma brutal retração da liquidez e do crédito em âmbito mundial. Tal fato gerou uma piora nas condições de financiamento e de empréstimo.

Nosso País também foi afetado nesse processo, e a retração da liquidez global

gerou efeitos sobre nosso sistema financeiro. Não é sem razão que a produção de veículos automotores caiu 18,3% em novembro de 2008 relativamente ao mesmo período do ano anterior, uma vez que as condições de crédito pioraram significativamente ao longo desse período. O desempenho da indústria automotiva contribuiu para que a retração na produção dos bens duráveis fosse de 22,1%.

Nessa altura dos acontecimentos, está claro que a rodada dos efeitos da crise sobre o nível da atividade mal começou e foi, em certo sentido, contida pelas vendas de final de ano, que proporcionaram uma sensação de relativa normalidade na nossa economia.

A retração no emprego também foi brutal e os indicadores do final de 2008 revelam um significativo aumento do desemprego no Brasil. Essa tendência deve perdurar ao longo dos próximos meses.

Dados esses elementos, deve ser reconhecido que o governo brasileiro tem se mostrado ciente da gravidade do quadro atual. Sob essa perspectiva, o governo tem atuado de forma a tentar suavizar os efeitos negativos da crise sobre nossa economia. Várias medidas voltadas à diminuição de impostos foram adotadas nos últimos meses do ano passado.

Mesmo com esses esforços, o Banco Central reluta, de maneira inexplicável, em diminuir a meta da taxa básica de juros - Selic, apontando, como justificativa, incertezas quanto à trajetória da inflação

futura e sua conformidade com a meta estabelecida para o ano.

É, no mínimo, curiosa essa postura do BC, uma vez que os índices de inflação divulgados no final do ano passado e no início de 2009 têm surpreendido pela sua variação abaixo da projetado por economistas e pelo próprio Banco Central. Tal fato indica um quadro de inflação mais benigno. Também é importante ressaltar que a perspectiva de desaceleração brusca da atividade econômica indica que a trajetória dos preços não apontará para um ambiente de inflação pressionada daqui por diante. Adicionalmente, a parada na atividade econômica também restringe o coeficiente de passagem da depreciação da nossa moeda ante o dólar para os preços domésticos.

Essa dualidade dentro do próprio governo tem persistido ao longo dos últimos meses, com grande parte do governo atuando de forma a evitar o aprofundamento da crise no País, via política fiscal. Do outro lado, a política monetária brasileira, ao contrário do que tem se observado ao redor do mundo, não tem dado sua contribuição e, aparentemente, continua sendo pautada por análises e modelos que não têm muita utilidade em um momento de ruptura de séries históricas como nesse momento. Essa persistência do BC, sem dúvida, terá custos sobre a economia brasileira mais adiante. ■

* Professor e Coordenador do Centro de Macroeconomia Aplicada (Cemap) da FGV-EESP